

## UM ESTUDO DA VARIAÇÃO ENTRE *PARA* E *PRA* EM VERBETES PUBLICADOS NO INSTAGRAM

### *A VARIATION STUDY BETWEEN PARA AND PRA IN ENTRIES PUBLISHED ON INSTAGRAM*

#### **Aline Moreira da Fonseca Nascimento**

Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) – Cidade de Goiás –  
Campus Cora Coralina, especialista em Língua Portuguesa e Linguística e Graduada em  
Letras: Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás

#### **Marília Silva Vieira**

Professora na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Cora Coralina), onde atua no curso  
de Licenciatura em Letras e no Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade  
(POSLLI).

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo investigar a variação entre *pra* e *para*, nos verbetes de Edgard Abbehusen, publicados no Instagram (*Fotocitando*), partindo, assim, de um *corpus* sincrônico. Na página estudada, o gênero verbete, normalmente utilizado para conceituar uma palavra, típico de dicionários e enciclopédias e comumente escrito na norma padrão, é empregado para descrever de forma poética e lúdica um termo específico, dentre as várias categorias que o escritor se dispõe a abordar. Com o intuito de explicar a variação entre as preposições em questão, será abordado o conceito de *syncope*, a partir de uma breve exemplificação de fenômenos encontrados ao longo da história da língua portuguesa. A fundamentação teórica encontra respaldo em Coutinho (1970), Amaral (1981), Camara Jr. (1886), Saussure (2012) e Labov (1972). Para a análise, foram selecionados verbetes de duas categorias, intituladas *nomes* e *signos*, postados no Instagram (*Fotocitando*) de Edgard Abbehusen. De forma geral, observa-se que, quando se trata dos verbetes *nomes*, a forma que prevalece é o *pra*. Todavia, nos verbetes *signos*, a variante mais utilizada é *para*. A partir desse panorama, averiguam-se quais fatores determinam a preferência por uma ou outra forma nos verbetes em questão.

**Palavras-chave:** Variação. Para e pra. Síncope.

**ABSTRACT:** This article has as goal to investigate the variation between *pra* and *para*, used on Edgar Abbehusen entries published on Instagram (*Fotocitando*), starting from a synchronic corpus. In the page studied, the genre entry, usually used to conceptualize a word, typical of dictionaries and encyclopedias and commonly written in the standard norm, is used to describe in a poetic and playful way a specific term, among the several categories that the writer is willing to approach. In order to explain the variation between the prepositions in question, the concept of *syncope* will be approached from a brief example of phenomena found throughout the history of the Portuguese language. The theoretical base is formed by Coutinho (1970), Amaral (1981), Camara Jr. (1886),

Saussure (2012) and Labov (1972) and for the analysis were selected entries of two categories, titled *nomes* and *signos*, posted on the Instagram (*Fotocitando*) by Edgard Abbehusen. In general, it is observed that, when it comes to the *nomes* entries, the form that prevails is *pra*. However, in the *signos* entries, the prevailing form is the variant *para*. From this perspective, it is expected, with this brief study, to present hypotheses about the frequency of uses of *para* and *pra* entries, in order to check which factors determine the preference for one form or another.

**Keywords:** Variation. Para and pra. Syncope.

## 1. Palavras Iniciais

Neste artigo, far-se-á um estudo sobre a variação entre *para* e *pra*, esta transformação da forma *para* em *pra* é denominada síncope, que se trata do desaparecimento de fonema no interior do vocábulo. A pesquisa está calcada em verbetes publicados no Instagram de Edgard Abbehusen (*Fotocitando*). Desse modo, a pesquisa transcorrerá pela gramática histórica e variação linguística.

A síncope trata-se da supressão de um segmento no meio da palavra. Tais fenômenos são encontrados ao longo da história da língua portuguesa, desde a evolução do latim para o português. Estudos da gramática histórica já apontavam regras de redução e síncope das línguas neolatinas em exemplo como: *fósforo – fósfuru – fosfru*.

Percebe-se de modo geral que o *para* é mais formal e bastante utilizado na escrita, já o *pra* é característico da oralidade e está presente na fala dos indivíduos e há também situações em que ele aparece na escrita. Partindo da

hipótese de que o uso do *pra* pode não ser a falta de conhecimento da língua padrão, mas uma forma de tornar o texto mais próximo da fala das pessoas, da oralidade, tornando o texto mais descontraído, pensou-se em discutir o uso da variação *para/pra* em verbetes.

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. Não exerce nenhum outro tipo de papel que não seja ser índice de função gramatical do termo que ela introduz. (BECHARA, 2001, p.296).

A preposição *para* é muito importante para a construção de sentido e no uso da oralidade tem-se também a variante *pra*, utilizado em situações de fala e atualmente também de escrita em

vários gêneros textuais como: verbetes, e-mails, bilhetes e etc. Lemle (1978) acredita que a tendência de redução pela perda de um ou mais segmentos fonéticos, pode ocorrer de acordo com o contexto linguístico. Sabe-se que algumas transformações fonéticas ocorrem inconscientemente no vocábulo da língua dos indivíduos, conforme a época e o contexto em que vivem.

Para esta pesquisa, foram selecionados sete verbetes intitulados *nomes* e sete verbetes intitulados *signos*, com o propósito de verificar o uso da variável *pra* e *para*, observando qual é mais recorrente, se as ocorrências remetem a uma linguagem mais formal ou informal e qual público tem mais interesse nestas postagens, refletindo sobre as hipóteses que levam o escritor Edgard Abbehusen a usar uma forma e não outra.

## 2. Aporte Teórico

De início, é importante enfatizar a gramática histórica que estuda a origem do idioma português no tempo e no espaço. Para Coutinho (1970), a linguagem é o conjunto de sinais de que a humanidade se serve para comunicar as suas ideias e pensamentos. Ainda com base neste autor, pode-se inferir que só a palavra, transmitida oral ou graficamente, é capaz de externar os mais sutis pensamentos e sentimentos do

homem. Para ele, a língua é a linguagem particularmente usada por um povo.

Para Saussure (1970), a Linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, seja de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se não só a linguagem correta, mas todas as formas de expressão.

A língua e a linguagem se distinguem, a linguagem é parte da língua. Esta é o produto da linguagem, conjunto de convenções necessárias ao indivíduo. Ainda sob a égide de Saussure (1970), a linguagem é multiforme de domínio individual ou social.

Vale ainda mencionar o estudo da Sociolinguística. Segundo Mollica e Braga (2003, p. 47), “à sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades”.

De acordo com Calvet: “A sociolinguística se caracteriza pelo reconhecimento da variação linguística como constitutiva das línguas humanas e por assumir essa heterogeneidade natural como objeto de estudo” (2002, p. 156).

Para Bakhtin (1988 [1929], p. 147): “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresenta tal ou qual objetivo específico,

vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”.

Segundo Coutinho (1976), as línguas estão em contínuo movimento. Cada geração contribui, sem que perceba, com as mudanças para melhor atender às necessidades dos falantes no ato comunicativo.

A língua trata-se de uma instituição social, de modo que:

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade natural ou não de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade, não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, 1970, p. 42)

Araújo (2014), em seu artigo, atesta que a língua de ontem não é a mesma de hoje e não será a mesma de amanhã. A língua portuguesa, desde seu nascimento, vem sofrendo mudanças que podem se refletir em toda estrutura, incluindo na parte fonética.

Dentre estas alterações fonéticas estão os metaplasmos, o estudo das modificações fonéticas dos vocábulos através da sua evolução. É comum que estas alterações fonéticas ocorram em comunidades rurais brasileiras de baixo nível cultural,

em grupos que usam a língua informalmente.

Os metaplasmos, por serem alterações fonéticas verificadas nas próprias palavras da língua, emigram e peregrinam através do tempo, até permanecerem essas alterações estáticas por algum período, e outra vez se modificam, tudo ao sabor do uso dos falantes, dentro de sequências diacrônicas e sincrônicas. (ARAÚJO, 2014, on-line.)

Entende-se que os metaplasmos são modificações fonéticas que sofreram algum tipo de mudança do latim para o português, conservando-se o significado. Estes metaplasmos podem ser classificados da seguinte forma: por aumento, por transposição, por permuta e por subtração, sendo somente esta última interessante para este trabalho, chamada síncope e representada pela variável *para/prá*.

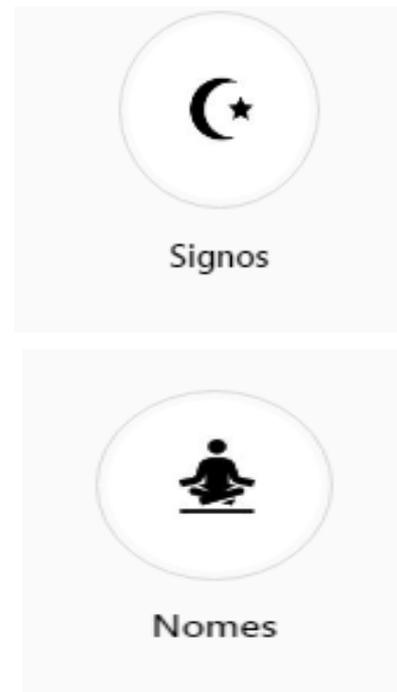
A síncope às vezes é utilizada até mesmo para facilitar o uso da linguagem, trata-se de um fenômeno que ocorre naturalmente. Segundo Bagno:

[...] este fenômeno aconteceu não só em português, mas também em outras línguas da família, como o espanhol e o francês. Alguns estudiosos nos informam que já no latim havia esta tendência e era comum se dizer *perículum* (perigo) em vez de

perículum. [...] Com a aceleração do ritmo da fala, as vogais que se encontravam depois da sílaba tônica foram sendo pronunciadas cada vez mais fracas até desaparecerem por completo. Depois, outras transformações aconteceram e aquelas palavras ganharam o aspecto que têm hoje no português-padrão [...] (2006, p. 110).

Cristófaros-Silva (2011, p. 110) afirma que a fonologia é uma disciplina “linguística que investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional”. Assim, será analisada a variação entre *pra* e *para* em verbetes publicados no Instagram de Edgard Abbehusen (Fotocitando). Ao analisar as publicações, nota-se que o escritor faz um jogo de fotos e textos (citações), o que pode dar origem ao nome do seu Instagram – Fotocitando. o autor publica verbetes no Instagram acerca de vários temas, tais como: *sobre mim, músicas, nomes, por aí, signos, twitter, livro, use & abuse, Jobs, assistindo*, dentre outros. Para este trabalho serão analisados sete verbetes *nomes* e sete verbetes *signos* para observar o uso da síncope, sobretudo na variável entre *para* e *pra*.

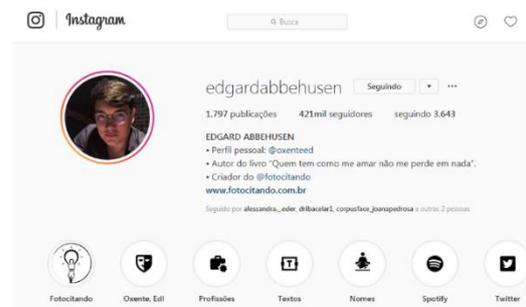
Figura 1 - Ícones dos verbetes de *signos* e *nomes*



Fonte: Elaborada por NASCIMENTO & VIEIRA (2019) a partir da captura de tela da rede social digital Instagram

Segue a imagem da página de Edgard Abbehusen no Instagram:

Figura 2 – Perfil de Edgard Abbehusen no Instagram



Fonte: Elaborada por NASCIMENTO & VIEIRA (2019) a partir da captura de tela da rede social digital Instagram

O verbeta é um gênero textual descritivo normalmente utilizado para conceituar uma palavra, este gênero pode ser encontrado em dicionário, enciclopédias e é comumente escrito na língua padrão, sendo primordialmente textos curtos e objetivos. Entretanto, esta pesquisa mostra também o uso da linguagem informal neste gênero, provavelmente por se ter a intenção de se aproximar da língua oral das pessoas.

### 3. Análise de dados

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar hipóteses sobre o uso da variável *para* e *pra* em verbetes de Edgard Abbehusen publicados no Instagram. Para esta investigação, foram escolhidos sete verbetes intitulados *nomes* (figura 3) e sete verbetes intitulados *signos* (figura 4), a fim de compreender qual forma é mais recorrente, em quais verbetes e o que provavelmente influencia o uso de uma forma e não de outra.

Figura 3 – Verbeta publicado no dia 15 de agosto de 2018



Fonte: Elaborada por NASCIMENTO & VIEIRA (2019) a partir da captura de tela da rede social digital Instagram

Figura 4 – Verbeta publicado no dia 25 de outubro de 2018



Fonte: Elaborada por NASCIMENTO & VIEIRA (2019) a partir da captura de tela da rede social digital Instagram

O fenômeno observado neste artigo é um metaplasmo que ocorre por subtração, chamado de síncope e pode ocorrer pelo

desaparecimento de fonema no interior do vocábulo, como em: legalem>leale>leal, colubram>coobra>cobra e etc.

Também se comprovam as seguintes pronúncias entre populações rurais: [pesco] por [pêssego]; [musca] por [música]; [isprito] por [espírito]; [Jerômo] por [Jerônimo]; [oiá] por [olhar]; [caia] por [calha]; [gaio] por [galho]; [orvaio] por [orvalho]; [fio] por [filho]; [corgo] por [córrego], etc.

Não obstante, pode ocorrer no gerúndio, em exemplos como: [estudano] por [estudando]; [correno] por correndo; [partino] por [partindo]. Outra modalidade de síncope é a haplologia, que consiste na supressão de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes: idololatria>idolatria e bondadoso>bondoso.

Destarte, Faraco (2005) afirma que a mudança não significa a troca direta de um elemento por outro, mas envolve uma fase de concorrência, de variação entre duas formas que desejam atingir a mesma função.

Segundo Faraco (1991, p. 58), a sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes coexistem, ao caso da qual uma termina por vencer a

outra, podendo – por vicissitudes do processo – subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá.

A escolha de uma palavra ou de outra no ato comunicativo depende de uma série de fatores que devem ser levados em consideração, com o passar do tempo as línguas vão mudando e as necessidades de uso de uma palavra ou de outra vão depender da intenção de quem a utiliza, seja na fala ou na escrita.

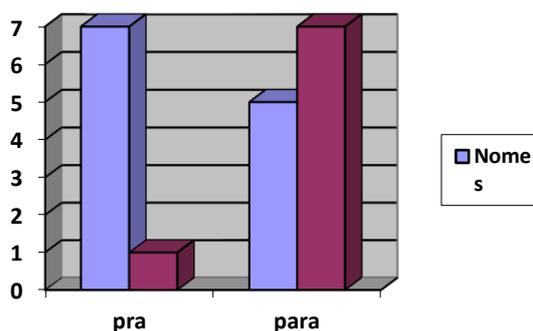
A palavra *para* é uma preposição e é bastante utilizada na forma escrita, entretanto, em situações mais informais a preposição *para* é substituída por *pra*, majoritariamente utilizada na oralidade. Pode-se considerar que, de modo geral, *para* é a forma mais utilizada na escrita, e é notada tanto na modalidade escrita quanto na fala, enquanto *pra* é mais informal e mais utilizado em textos que permitam uma linguagem mais coloquial. No Instagram de Edgard Abbehusen (Fotocitando), quando se trata dos verbetes intitulados *nomes*, a forma que prevalece é o *pra*, presente na maioria dos sete verbetes analisados, todavia, nos verbetes intitulados *signos* a forma que prevalece é o uso do *para*, presente na maioria dos verbetes analisados.

As formas *para* e *pra* estão corretas na Língua Portuguesa, mas devem ser

utilizadas em diferentes situações, sendo que o *para* em situações mais formais e o *pra* em situações mais informais.

A preposição *para* pode indicar direção, finalidade, oposição, utilidade capacidade etc. *Pra* é a forma reduzida da preposição *para* e pode ser utilizado na língua falada, em textos informais, em poesias, letras de música, frases publicitárias, bilhetes e em textos que tenham a intenção de expor a língua oral. Nota-se nos verbetes de *nomes* sete ocorrências de *pra* e cinco de *para*, já nos verbetes *signos*, o *pra* aparece apenas uma vez, e o *para*, sete vezes, o que pode ser demonstrado no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Uso de *pra* e *para*



Nota-se que o uso do *pra* nesse caso não é provavelmente por não saber utilizar a língua padrão, mas parte de uma escolha do escritor de tornar o texto mais descontraído e informal, direcionado a públicos que se comunicam por meio da internet.

Observa-se que o *pra* é mais recorrente nos verbetes de *nomes* e o *para* em verbetes *signos*, entretanto, o escritor utiliza tanto o *para* quanto o *pra* nos dois verbetes, inclusive em um mesmo verbebo às vezes ele utiliza as duas formas, o que pode-se perceber no verbebo de *nomes* (7), nota-se no trecho: **Chega *pra* resolver. [...] E vai seguir confiante em busca do melhor *para* o seu destino.** Embora o escritor utilize o *para*, a forma *pra* é mais utilizada para se aproximar mais da oralidade do público que utiliza as redes sociais para se comunicar, para fazer compras e também para entreter.

No verbebo de *nomes* (3), no trecho: **“Quando a derrubam, Flávia sacode a poeira *pra* dar a volta por cima, de cabeça erguida.”** Nota-se uma frase bem coloquial, com o provérbio (sacode a poeira), o que caracteriza uma fala bem informal, mostrando o uso do *pra*, próprio da oralidade.

No verbebo de *nomes* (5), o escritor usa a linguagem formal e a informal, a linguagem formal utilizando a próclise, em que se observa (lhe jogam), mas também utiliza o *pra* logo em seguida neste verbebo, o que pode ser observado no seguinte trecho: **“Lágrimas que lhe jogam *pra* frente.”** Nesse caso, é possível afirmar que o escritor ora utiliza uma linguagem mais coloquial, ora

utiliza uma linguagem mais formal. Nesta ocorrência, o escritor não deixa clara sua escolha entre o formal e o informal e cria um jogo de in(formalidade) no verbete.

Sabe-se que a sociolinguística estuda fenômenos linguísticos baseando-se no contexto social e cultural, em situações reais de uso. Labov (1972) afirma que a língua se trata de um sistema marcado por variações relacionadas à sociedade. Para ele, as variantes da língua não são aleatórias, possuem regularidades e estão relacionadas a fatos sociais.

O uso do *pra* nos verbetes de Edgard Abbehusen sinaliza que ele ocorre com maior frequência quando tem a intenção de se aproximar do leitor, dialogando, transmitindo uma mensagem capaz de tocar nos seus mais singelos sentimentos. *Para* é mais recorrente em verbetes de *signos*, que aparentemente têm apenas a intenção de definir e apresentar características do signo descrito.

Em um verbete de *signos*, analisa-se o trecho: ***Para os dias pesados, sempre encontra uma oração.*** Nota-se o uso do *para*, bem como na maioria dos verbetes de *signos*, acredita-se que o escritor é mais formal na constituição dos verbetes de *signos* por ser algo mais objetivo, ao passo que, nos verbetes de *nomes*, usa mais o *pra* quando o intuito é dialogar com o público, sobretudo com as pessoas

que leem a descrição do seu nome ou de alguma pessoa próxima. É um recurso utilizado para deixar o texto mais descontraído, sendo que a variante mais utilizada na fala das pessoas de um modo geral é o *pra*.

Existem vários casos de variação que podem estar relacionados à fala feminina ou à fala masculina, fatores que podem estar relacionados ao contexto social ou cultural, correlacionados à diferença entre situações formais e informais no ato comunicativo.

Segundo Antunes (2007, p.104):

[...] existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e, como tais, são condicionadas por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua.

É preciso refletir sobre a necessidade da comunicação dos sujeitos no dia a dia, pensar na realidade. Apesar disso, nesta pesquisa, o uso da linguagem informal na escrita apresenta uma versatilidade, uma forma de se aproximar do público, usando palavras próprias do cotidiano.

Tentar preservar, impor cobrar um padrão de comportamento linguístico único, aristocrático e obsoleto é um projeto que se contrapõe de maneira gitante a toda essa dinâmica da sociedade, da cultura e da língua. Uma sociedade e uma cultura multifacetadas e plurais só podem abrigar uma língua multifacetada e plural. Nossa luta tem de ser pelo reconhecimento, admissão e valorização da diversidade, da variedade e da pluralidade em todas as esferas da vida social, o que nos obriga a uma crítica do atual processo de renovação [...]. (BAGNO, 1993, p. 39).

Nesta pesquisa, os contextos formal e informal parecem influenciar o uso mais recorrente da forma *para* ou *pra*. Nota-se que o público/leitor, antenado às redes sociais, vale-se de vocabulários próprios da oralidade para se comunicar, assim parte-se da hipótese de que o uso mais recorrente do *pra* seja para apropriar-se da informalidade no texto.

É importante ressaltar que a maior quantidade de verbetes observada no Instagram de um modo geral é a dos *nomes*, os demais são em menor quantidade, o que poderia sugerir que, com os verbetes de *nomes*, Edgard Abbehusen tem alcançado um bom número de seguidores em seu Instagram e, a cada verbete de nome publicado, aproxima-se mais de pessoas ligadas àquele vocábulo, o que nos verbetes de *signos* não ocorre.

Entende-se que, quanto mais nomes o escritor utilizar em seus verbetes, mais pessoas relacionadas a determinados nomes vão visitar sua página do Instagram. Nesta perspectiva, as pessoas poderão conhecer os seus outros textos, verbetes de profissões, músicas, dentre outros.

Em outro verbete de *signos*, no trecho **“Com disposição para recomeçar. Atitude e amor. Vencendo antes de cada batalha, os seus próprios medos”**, nota-se somente o uso do *para*, o que como já foi dito, ocorre na maioria dos verbetes de *signos* e o *para* é uma preposição característica da língua padrão, linguagem esta característica do gênero verbete, que são textos normalmente lidos em enciclopédias ou dicionários.

De acordo com a Sociolinguística, nenhum falante utiliza a língua da mesma forma em todas as situações, podendo os indivíduos escolherem entre uma ou outra variante.

Embora o escritor utilize ambas as variações nos seus verbetes, pode-se dizer que ele tenta desmistificar o uso da variante *pra* na forma escrita, já que é própria da oralidade. Observa-se que, mesmo o verbete sendo um gênero com linguagem mais formal, Edgard Abbehusen usa o *pra*, provavelmente,

com a intenção de se aproximar do seu público, que atualmente se serve da internet *para* se comunicar, estudar, fazer compras e se relacionar com pessoas do mundo todo. A linguagem mais informal é mais característica da internet, logo no Instagram é certo que uma linguagem mais próxima à oralidade das pessoas é mais utilizada nesta rede de comunicação e entretenimento.

### Considerações Finais

Por meio da realização desta pesquisa, pôde-se observar a importância dos estudos da sociolinguística para a análise de fatores que ocorrem com a língua. Os resultados são expostos a partir de hipóteses sobre o uso da variável estudada. Um fato surpreendente é que o escritor emprega um item típico da fala informal para tornar o verbete um texto mais descontraído, aproximando-se assim mais do público, que utiliza a linguagem descontraída e mais coloquial, própria das comunicações na internet. Apesar de utilizar ora a variante *para*, ora a variante *pra*, nota-se um tom de informalidade nos verbetes intitulados *nomes*.

Observa-se que o escritor usa a variante *pra* na maioria dos verbetes *nomes* e *para* na maior parte dos verbetes *signos*. A escolha do escritor parece ser mais informal, mais descontraída nos verbetes

*nomes*, que representam maioria em seu Instagram, para se aproximar do público, um público diversificado e conectado às mídias, porém, o escritor também utiliza as formas variáveis em seus verbetes e, às vezes, utiliza ambas as formas em um mesmo texto, o que impulsiona a reflexão de que parece não haver grandes critérios de uso de uma variante em detrimento da outra.

Entretanto, nos *nomes*, o autor busca passar uma imagem interessante daquele nome para o leitor, ressaltando as qualidades, um texto mais descontraído e não tão somente de definição, como é mostrado no verbete de signo. A maioria dos *nomes* são *nomes* de mulheres, haja vista que seu público maior parece ser o feminino. O uso do *pra* remete mais à informalidade nos seus textos.

Acredita-se na hipótese de que o escritor utiliza mais o *pra* nos verbetes de nome para tornar o texto mais descontraído, entretanto, isso não significa que ele não tenha pleno domínio da norma padrão da língua portuguesa.

Assim, conclui-se que, apesar de utilizar tanto o *pra* quanto o *para*, a maioria dos seus verbetes são os de *nomes* e utiliza-se mais o *pra*, que é próprio da oralidade. Mesmo sendo próprio da oralidade é possível encontrar algumas ocorrências em textos escritos tais como bilhetes, *posts*, verbetes, e-mails e etc. A escrita

muda ao longo do tempo para atender a necessidade comunicativa dos usuários e é importante salientar que os falantes não utilizam a língua da mesma forma em todas as ocasiões. Mesmo que a gramática tradicional despreze

fenômenos da língua oral é possível utilizar termos pertencentes à oralidade também na escrita na contemporaneidade.

### Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. – 4. ed. – São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.

ARAÚJO, Ruy Magalhães. Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico. In: **Anais iii**, III CLUERJ, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/palestras/ruymagalhaesdearaujo.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. MARCIONILO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMARA JUNIOR, J. Matoso. **Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. – 13. ed. – Petrópolis, Vozes, 1986.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica – Pontos de Gramática Histórica**. 6. Edição.- Biblioteca Brasileira de Filologia. Volume 4, 1970.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011. CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge

FARACO, Carlos Alberto. **História da língua: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

LABOV, William. **Sociolinguistic pattern**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMLE, Miriam. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa: Tempo Brasileiro**, 1978, p 60-94.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1987.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.